

A SEMANA – 171

John Gledson

São divagações sobre o passado, através de um número do *Arquivo Municipal*, quando a vida era supostamente mais simples, mais barata, e até havia mais justiça. Acabamos no Egito antigo, no segundo romance que Coelho Neto publicara em pouco tempo, pela mesma editora. Não sei se erro ao sentir certa impaciência, ou pelo menos um constrangimento, desta vez mais do que no caso de *Miragem*, apenas quatro semanas atrás. O romance histórico interessava a Machado como gênero; admirava *Salammbô*, e lera no original (pelo menos em parte) o romance de Ebers que menciona. Os “elogios” do parágrafo final soam bem frouxos.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 251-255.



A SEMANA

8 de setembro de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Não me falem de anistias, nem de chuvas, nem de frios, nem do naufrágio do *Britânia*, nem do eclipse da lua que dizem ter havido no princípio da semana.¹ Há pessoas que trazem de cor os eclipses. Também eu fui assim, graças aos almanaques. Um dia, porém, vendo que o sol e a lua, posto que primitivos, eram ainda os melhores almanaques deste mundo, acabei com os outros. A economia é sensível; mas nem por isso ando com os olhos no céu. Tendo tropeçado tanta vez, como o sábio antigo, sigo o conselho da velha e não tiro os olhos do chão:² é o mais seguro gesto para não cair no poço.

Vós, que me ledes há três anos ou mais, duvidareis um pouco desta afirmação. Sim, é possível que me tenhais visto com os olhos no firmamento, à cata de alguma estrela perdida ou sonhada. Não o vejo, mas não tenho tempo de me reler, nem já agora rasgo o que aí fica, para dizer outra coisa. Farei de conta que isto é uma retificação, à maneira dos escrivães e outros oficiais, como esta que leio no último número do *Arquivo Municipal*: “Proveu mais o dito ouvidor-geral que dos primeiros efeitos desta câmara se faça um tinteiro de prata, na forma do outro que *acabou*, digo na forma do outro que *serve*.”³ Com um simples *digo* se põe o contrário.

Esse *Arquivo* não traz só velhos documentos, mas também lições e boas regras. No dito auto de correição, que se fez ali pelos fins do primeiro terço do século passado, emendou-se muita lacuna e cortou-se muita demasia. “Proveu mais o ouvidor, que

¹ Discutia-se acaloradamente a anistia para os revoltosos da Guerra Federalista, assunto deixado pendente no tratado de paz; nas discussões no senado “as galerias estavam literalmente cheias”. O *Britânia* foi um pacote inglês que encalhou nas rochas do parcel chamado das “Feiticeiras”, na baía de Guanabara, no dia 5 de setembro.

² A história do astrônomo que, de tanto fitar as estrelas, caiu num poço, aparece no diálogo *Teeteto* de Platão. Tem tido vários protagonistas e autores. Está associada a Tales de Mileto, cuja celebridade lhe proveio de haver previsto um eclipse solar ocorrido em 585 ou 610 a.C. Segundo a lenda, foi uma criada dele – a “velha”? – que espalhou a notícia da sua queda.

³ Foi impossível consultar os números relevantes do *Arquivo Municipal* do Rio de Janeiro para localizar estas citações.

porquanto há grandes queixas do mal que se cobram os foros dos bens do Conselho, por serem dados alguns a pessoas poderosas, e outros a pessoas eclesiásticas, mandou que daqui em diante se não deem mais a semelhantes pessoas, senão dando fiadores chãos e abonadores...” Os próprios governadores não escaparam a este terrível ouvidor-geral, que também mandou “que por nenhum caso de hoje em diante se dê mais a nenhum governador desta praça ajuda de custo para casas nem para outros efeitos alguns, das rendas da câmara, com pena de os pagarem os oficiais da câmara e de não entrarem mais no governo desta República.” Enfim, até mandou que se contratasse um letrado, o licenciado Bento Homem de Oliveira, com o ordenado de trinta e dois mil-réis por ano.

Trinta e dois mil-réis por ano! Bom tempo, ah! bom tempo! Apesar da nobreza da terra, não vivia ainda nem morria a marquesa de Três Rios, que só com médicos despendeu (dizem as notícias de S. Paulo) cerca de quinhentos contos.⁴ Bom tempo, ah! bom tempo em que se taxava o preço a tudo, e o regimento dos alfaiates marcava para um colete, uma véstia e um calção (um terno diríamos hoje) a quantia de quatro mil-réis. O torneiro de chifre (ofício extinto) tinha no seu regimento que um tinteiro grande de escrivão com tampa custasse quatrocentos réis, e um dito grande com *sua poeira*, quatrocentos e oitenta réis. Que era *sua poeira*? Talvez a areia que ainda achei, em criança, antes que o mata-borrão servisse também para enxugar as letras. Usos, costumes, regras e preços que se foram com os anos.

Com os séculos foram ainda outras coisas, e não só desta terra, como de alheias, – o Egito, para não ir mais longe. Há dois Egitos: o atual, que, não sendo propriamente ilha, é uma espécie de ilha britânica,⁵ – e o antigo, que se perde na noite dos tempos. Este é o que o nosso Coelho Neto põe no *Rei Fantasma*.⁶ Não conheço um nem outro; não posso comparar nem dizer nada da ocupação inglesa nem da restauração Coelho

⁴ A marquesa de Três Rios, d. Maria Hipólita dos Santos Silva (1824-1894), tinha casado com o marquês em 1876. Falecera em São Paulo em 19 de outubro de 1894. Esta notícia apareceu na *Gazeta* de 6 de setembro, com a manchete **385.000\$000!**: “A *Opinião*, folha quinzenal que se publica em São Paulo, deu em seu número de 1º do corrente as contas apresentadas por serviços médicos prestados ao marquês e à marquesa de Três Rios, já falecidos. / Os herdeiros impugnaram estas contas, que estão em poder do juiz dos inventários, e cujo resumo é o seguinte: [dá a lista das contas de 5 médicos, somando os 385 contos].”

⁵ A Grã-Bretanha dominava o Egito desde 1882, quando invadira o país, que teoricamente fazia parte do império otomano. Não é a primeira vez que Machado se refere a este caso famoso de imperialismo.

⁶ Infelizmente, nos foi impossível consultar um exemplar deste romance, e assim verificar os detalhes no fim da crônica. Brito Broca, em seu ensaio “Coelho Neto, romancista” (*Ensaio da mão canhestra*, p. 179-198, na p. 187), conta que também não o achou, mas faz alguns comentários curiosos e interessantes: “No mesmo ano em que publica *Miragem* dá-nos *O Rei Fantasma*, romance imaginário do Egito antigo, e que deve ser colocado ao lado de *O Rajá do Pendjab*, de 1898. Li há muito tempo essas obras, cujas primeiras edições logo se esgotaram, e que nunca foram reeditadas. *O Rei Fantasma*, conheci-o, aliás, em um exemplar velhíssimo, do clube da minha cidade natal. Embora conserve ainda mais ou menos vivas as impressões da leitura, cuidei de renová-las, procurando os referidos volumes na Biblioteca Nacional. Mas só lhes encontrei as fichas, o que me impediu de verificar se possuem alguma importância na obra de Coelho Neto. Acredito que não; foram dois romances escritos em folhetins, com o objetivo essencial de divertir o público. Em *O Rei Fantasma*, a possível inspiração de Flaubert não obstou a Coelho Neto apresentar-nos um Egito puramente decorativo e de opereta.”

Neto. Tenho que a restauração sempre há de ter sido mais difícil que a ocupação; mas fio que o nosso patrício haverá estudado conscienciosamente a matéria.

É certo que o autor, no prólogo do livro, afirma que este é tradução de um velho papyrus,⁷ trazido do Cairo por um estrangeiro que ali viveu em companhia de Mariette. O estrangeiro veio para aqui em 1888, e com medo das febres meteu-se pelo sertão, levando os papyrus, os anúbis,⁸ mapas e cachimbos. Aí o conheceu, aí trabalharam juntos; morto o estrangeiro, Coelho Neto cedeu a rogos e deu ao prelo o livro.

Conhecemos todos essas fábulas. São inventos que adornam a obra ou dão maior liberdade ao autor. Aqui, nada tiram nem trocam ao estilo de Coelho Neto, nem afrouxam a viveza da sua imaginação. A imaginação é necessária nesta casta de obras. A de Flaubert deu realce e vida a *Salammbô*,⁹ sem desarmar o grande escritor da erudição precisa para defender-se, no dia em que o acusaram de haver falseado Cartago.¹⁰ Quando o autor é essencialmente erudito, como Ebers, preocupa-se antes de textos e indicações; pegai na *Filha de um rei do Egito*, contai as notas, chegareis a 525.¹¹ Ebers nada esqueceu; conta-nos, por exemplo, que o mais velho de dois homens que vão na barca pelo Nilo “passa a mão pela barba grisalha, que lhe cerca o queixo e as faces, mas não os lábios”, e manda-nos para as notas, onde nos explica que os espartanos não usavam bigodes.

Não sei se Coelho Neto iria a todas as particularidades antigas; mas aqui está uma de todos os tempos,¹² que lhe não esqueceu, e trata-se de barca também, uma que chega à margem para receber o rei: “os remos arvorados gotejavam...” Não tenho com que analise ou interroge o autor do *Rei Fantasma* acerca dos elementos do livro. Sei que este interessa, que as descrições são vivas, que as paixões ajudam a natureza exterior e a estranheza dos costumes. Há quadros terríveis; a cena de Amani e da concubina tem grande movimento, e o suplício desta dói ao ler, tão viva é a pintura da

⁷ A *Gazeta* grafa “papyrus”, forma que Mário de Alencar mantém. Aurélio tem “papírus” (modernamente seria “papiro”). São formas alatinadas, que não estão nos dicionários – como parece ser escolha do cronista, preferimos manter a sua versão.

⁸ Anúbis é um deus do Egito antigo, que era representado (em estatuetas) sob a forma de uma figura humana com cabeça de chacal ou de cachorro.

⁹ A *Gazeta* e Mário de Alencar têm *Salamambô*. Aurélio corrige.

¹⁰ Gustave Flaubert publicou seu romance histórico, passado em Cartago no segundo século a.C., em 1862. Foi atacado por supostas inexatidões históricas; duas vezes o autor se defendeu, contra Sainte-Beuve e Guillaume Froehner.

¹¹ Georg Moritz Ebers (1837-1898) foi egiptólogo e romancista histórico, situando seus romances mais famosos no Egito antigo. O primeiro foi *Eine ägyptische Königstochter*, de 1864, que Machado tinha em sua biblioteca, numa edição de 1875, em três volumes, no original. Fez muito sucesso, e foi muito traduzido. Machado já mencionou o autor na crônica de “Bons Dias!” de 14 de junho de 1889 (44), falando da “alucinação erudita da vida e do movimento que parou”. O trecho que Machado cita ocorre no primeiro capítulo do primeiro volume. Citando no original: “ordnete mit der Hand seinen dichten grauen Bart, der Kinn und Wangen, aber nicht die Lippen umgab”. A nota 5, apensa na palavra Lippen (lábios), explica: “Die Spartaner pflegten keine Schnurrbärte zu tragen” (Os espartanos não costumavam levar bigodes).

¹² “todos tempos”, na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio corrige.

moça, agarrada aos ferros e fugindo aos leões. O mercado de Peh'n¹³ e a panegíria de Ísis são páginas fortes e brilhantes.



¹³ Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio tem Peh'u. É possível que tenha lido mal o texto do jornal. Sem consultar *O rei fantasma*, não temos como saber.